



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Divisão sociosexual e racial do trabalho

**RACISMO E SEXISMO NO CAPITALISMO DEPENDENTE: AS PRAGAS E AS ERVAS
DANINHAS COMO PARTE ESTRUTURANTE DA TOTALIDADE CAPITALISTA**

ANA CRISTINA OLIVEIRA DE OLIVEIRA¹
ISABELLA REGINA DAMASCENO FERRAZ²
RAPHAELA COREL BARROS SANT ANNA³
ANA MARIA ALMEIDA CONCEICAO⁴
MARINA GARCIA VENERABILE⁵

RESUMO

O artigo trata da constatação da estrutura da reprodução social intrinsecamente relacionada à produção social, ancorado no método materialista histórico-dialético. Os resultados apontam para a invisibilidade da divisão sociosexual e racial do trabalho doméstico feminino superexplorado, do racismo e do sexismo a partir da centralidade do trabalho na sociabilidade capitalista.

Palavras-chave: reprodução social; superexploração da força de trabalho; divisão sociosexual e racial do trabalho; trabalho doméstico feminino.

ABSTRACT

The article deals with the observation of the structure of social reproduction intrinsically related to social production, anchored in the historical-dialectical materialist method. The results point to the invisibility of the sociosexual and racial division of overexploited female domestic labor, racism and sexism based on the centrality of labor in capitalist sociability.

¹ Universidade Federal Fluminense

² Universidade Federal Fluminense

³ Universidade Federal Fluminense

⁴ Universidade Federal Fluminense

⁵ Universidade Federal Fluminense

Keywords: social reproduction; overexploitation of the labor force; sociosexual and racial division of labor; female domestic labor.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo dissertar sobre as condições de classe, racismo e sexismo que determinam a (re)produção social no capitalismo dependente no Brasil, e, portanto, como estruturantes das relações sociais, constituindo-se fundamento da organização e dinamismo das classes sociais em disputa. A análise apresenta o resultado parcial de pesquisa desenvolvido entre os anos 2019 e 2023 sobre relações de superexploração da força de trabalho e o capitalismo dependente.

Desse modo, a discussão é assentada na imanente relação intrínseca entre produção e reprodução social, entendendo o racismo e o sexismo como engrenagens da superexploração da força de trabalho em tempos neoliberais que impulsiona o aumento e intensificação da jornada de trabalho, bem como remunerações abaixo do necessário para a reprodução da subsistência das(os) trabalhadoras(es) e o fundo de consumo da vida social (BAMBIRRA, 2019).

A proposta busca explicitar a indissociabilidade entre classe, raça e gênero e suas particularidades concretas na realidade do capitalismo dependente, na qual a Lei Geral da Acumulação Capitalista (MARX, 1983) exige mecanismos *sui generis* de extração do valor.

Ao que tudo indica, este pode ser um terreno fértil para rompermos com noções genéricas e eurocêntricas sobre a formação e a composição da classe trabalhadora no Brasil para potencializar o resgate de processos de luta e resistência invisibilizados pela historiografia tradicional (MOURA, 2020).

O artigo, portanto, aponta a importância de recuperar as determinações que mediam a relação entre capital e trabalho em nossa formação econômico-social na condição de dependência, compreendendo não apenas a gênese da questão social, mas o seu movimento próprio e suas contradições fundamentais. Em outras palavras, argumentamos que pensar as particularidades na maneira como o capitalismo se constitui no Brasil implica em trazer o debate do racismo e do sexismo para a teoria do valor, compreendendo como dimensões estruturais e estruturantes dos conflitos que perpassam as relações sociais de produção e não apenas como suas expressões.

O fazemos na perspectiva do materialismo histórico dialético, buscando explicitar a articulação das múltiplas determinações contraditórias, fundamentada na perspectiva da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

totalidade, da relação entre capital e trabalho, para as quais o racismo e o sexismo constituem-se fundamento da organização e dinamismo das classes sociais em disputa.

Esse movimento requer que avancemos no sentido de articular o racismo, as relações sociais de gênero e a classe nas suas múltiplas e complexas expressões, como mediação fundamental na análise sobre a realidade concreta do trabalho, da produção do valor e, portanto, da questão social na América Latina.

O olhar, portanto, remete no aprofundamento do debate do método em Marx sobre a relação entre a forma especificamente capitalista de superexploração da força de trabalho, a dependência e as determinações de gênero e raça, remetendo à divisão sexual, racial e internacional do trabalho. Ao fazer isso, construímos as mediações para capturarmos como estas características, universalizadas por meio do modo de produção capitalista, se particularizam em nosso país.

Nesse sentido, o texto indica que as discussões sobre colonialismo, escravismo, genocídio, imperialismo e dependência ficam marcos sólidos não apenas para as reflexões sobre nosso passado, mas englobam eixos que podem dar sustentação a análises extremamente atuais sobre a questão social.

2. Capitalismo Dependente e Superexploração da Força de Trabalho: o reconhecimento da centralidade do trabalho

A égide do capitalismo dependente continua a subordinar o seu desenvolvimento aos dinamismos das nações capitalistas centrais como parte dos elementos estruturantes nos processos da modernização burguesa em nosso país que se explicitam neste período da contrarrevolução preventiva e prolongada. Como assinala Mandel (1990) a “onda longa expansiva” favoreceu para a expansão da concentração e centralização do capital com uma intensa reprodução e que nas palavras do autor

Essa expansão (*boom* do pós-guerra) tinha dado um impulso poderoso a um novo avanço das forças produtivas, a uma nova revolução tecnológica. Propiciou um novo salto para a concentração de capitais e a internacionalização da produção, as forças produtivas ultrapassando cada vez mais os limites do Estado burguês nacional (tendência que começou a se manifestar desde o início do século, mas que se amplificou consideravelmente desde 1948). (MANDEL, 1990, p. 11-12).

Na América Latina, o capitalismo se desenvolve, portanto, articulado ao contexto da expansão e evolução do capitalismo mundial de países centrais, configurando tipos específicos de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

capitalismo dependente (OLIVEIRA; SOUZA; SOARES, 2020). A materialidade no corte analítico a partir do pós-guerra de 1945, indicada por Bamberger (2013, p.40) está sobretudo na característica especial da “nova fase do processo de integração dessas sociedades ao sistema capitalista monopolista mundial”, que se configura de forma singular neste período.

Ao olharmos o capitalismo contemporâneo, vemos a marca de uma acentuada lógica concentradora e destruidora. Identificamos, portanto, profundas mudanças no mundo do trabalho em escala mundial, tanto na sua estrutura produtiva, quanto nas relações sociais. Estas implicam, assim, no reconhecimento da centralidade do trabalho alicerçada na superexploração da força de trabalho para fazer valer a Lei Geral da Acumulação Capitalista (MARX, 1983), revisada em cada tipologia dos países latino-americanos.

Como argumentamos, a superexploração da força de trabalho no capitalismo dependente latino americano, demanda uma burguesia violenta, liberal conservadora, capaz de perpetuá-la mediante a crise estrutural. Opera, nestas circunstâncias, sistematicamente, para equalizar por baixo o valor da força de trabalho.

Ao assimilarmos a dialética do capitalismo dependente através das contribuições da Vânia Bamberger (2013), duas percepções correlacionadas nos deixam em suspenso para a atenção analítica da formação social brasileira:

- (i) a primeira diz respeito às crises do capital como estruturantes da formação social brasileira dependente. O esforço analítico da autora indica, metodologicamente, a relevância da compreensão das transformações produtivas, do caráter das crises e da correlação de forças na luta de classes que contribuem, em cada momento histórico, para o estabelecimento de um padrão de exploração da força de trabalho e que implicam em formas modificadas da superexploração do trabalho.
- (ii) a segunda observação foca na forma como se apropriam as análises da formação social brasileira a partir da crítica da economia política e a compreensão profunda da lei do valor. Conforme apontado antes, esta forma se configura como um diferencial nas outras análises histórico-sociológicas ou ainda sociológicas inspiradas na tradição marxista. Consideramos importante salientar que a Bamberger (2013), ao estudar o processo de industrialização e como se deu sua incorporação em mais de 20 países da América Latina, aproximou-se mais da realidade social. Do mesmo modo evidencia como estas formações



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sociais configuram uma estrutura de classes conformadas por um Estado dominante em cada uma dessas formações. Conseqüentemente, não generaliza os dois grandes tipos de formação social que identifica como tipologia A e B, além de sugerir a C⁶. (OLIVEIRA; SOUZA; SOARES, 2019).

É necessário, para análise do tema, o aprofundamento nas obras que exploram sobre estas determinações que são identificadas no modo de produção capitalista e o reproduzem, principalmente no contexto dependente.

3. Capitalismo Dependente Racializado e o Sexismo na Totalidade Capitalista: luta de classe e resistências

A análise da sociedade brasileira, aqui presente, origina-se ancorada na totalidade capitalista, não fragmentando-a e sim identificando os elementos que a fundam que são a luta de classes, o sexismo e o racismo identificando, mas como uma unidade dialética. Apreendendo, assim, que essas particularidades não podem ser dissociadas quando se analisa a conjuntura brasileira como um todo.

Essa distinção interpretativa da particularidade da sociedade capitalista brasileira a partir das relações que nascem neste terreno e determinam toda a conjuntura diz respeito à compreensão de classe, raça e gênero como determinantes da realidade social (MACHADO e SOUZA, 2023) que consolidam o modo de produção capitalista na sua totalidade e reproduzem tal sistema.

Neste âmbito, entende-se aqui que o modo de produção capitalista, em sua gênese, é fundado no capitalismo brasileiro a partir da violência, pela expropriação, exploração, opressão e alienação da classe trabalhadora, principalmente as mulheres e as pessoas negras e indígenas enquanto principal alvo das violências.

É impossível, no balanço das análises sobre a constituição do capitalismo no Brasil a partir da acumulação de capital, não ter os elementos da questão racial e o sexismo. As análises carecem de conformar esses elementos como estruturante da formação social e histórica

⁶ As tipologias que Bambirra (2013) desenvolve envolve assimetrias dos efeitos da ação dos monopólios na América Latina, das contradições e antagonismos peculiar ao capitalismo *sui generis* em três movimentos associados. Ver Bambirra (2013).

brasileira, e por conseguinte, como parte intrínseca da “questão social” brasileira advinda dos processos de colonização e escravização que ocorreram no país.

As relações sociais no capitalismo dependente brasileiro, invisibilizadas nas bandas de cá, são fundadas pela expropriação, exploração, opressão e dominação que avançam sem freio para corpos e saberes. Operam, nesse lastro bárbaro como “[...] mutilador e estrangulador cultural [...]” (MOURA, 2020, p. 175) ao imporem pela violência da tortura, do estupro e da morte, padrões culturais e valores sociais alheios. Não se restringem, apenas, à privação do acesso direto aos meios de vida. Marcam uma “[...] história da exploração, dominação e opressão da população negra, contexto complexo que requer colocar a análise da questão social no país sob outras bases (EURICO, 2017, p. 425).

Este processo é inerente à acumulação do capital no Brasil, de forma mais específica à acumulação primitiva, enquanto um momento extremado de violência baseado na expropriação dos meios de vida, corpos e saberes dos homens e mulheres, incidindo de forma mais violenta aos negros e indígenas. A partir desta análise é indissociável pensar o capitalismo no Brasil sem sua consolidação pelo processo de escravidão de povos racializados.

A ideologia sob o manto da acumulação capitalista pela mistificação da expropriação dos meios de produção e exploração do trabalho sobre a classe trabalhadora não desapareceu com o regime extinto [da escravidão]. As relações sociais advindas dos processos constitutivos do racismo e sexismo persistem numa “realidade ‘herdada como parte de nossas dificuldades em superar os padrões de reações raciais inerentes à ordem social escravocrata e senhorial (FERNANDES, 2009, p.172 e 173)

Dessa forma, o preconceito e a discriminação resultantes deste processo de violência está na raiz do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, visto que este é forjado na exploração e expropriação dos corpos de mulheres e de homens racializados(as) sendo legitimados pela ordem capitalista, incidindo nas mulheres negras de forma mais intensa pelo recorte da opressão e dominação de classe.

A reprodução ampliada do capital impõe ao capitalismo dependente brasileiro a vivência do rebaixamento dos salários de uma parcela da população superexplorada. Associado a isso, a garantia da rotação do exército industrial de reserva (FERREIRA e FAGUNDES, 2021) reproduzindo relações de exploração, alienação e opressão como resultado das dinâmicas contraditórias, mas concretas, do capitalismo dependente brasileiro.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Tal aspecto funda o lugar do Brasil no capitalismo global enquanto um país de capitalismo dependente, visto que reproduz a divisão sociosexual e racial do trabalho concebida como uma estratégia permanente do capital de ocultamento da expropriação do trabalho cumprindo a extração de mais valor pelo rebaixamento dos salários e o fundo de consumo da vida social. Esta estratégia dos países imperialistas⁷ que expropriam a força de trabalho a fim de abastecer a burguesia nacional e internacional se dava antes pela escravidão, mas que hoje é reproduzida pelos processos de preconceito, discriminação, superexploração da força de trabalho.

Ainda, este lugar de dependência é expresso num processo de superexploração da força de trabalho que se dá na equalização das taxas de lucro do mercado internacional a partir da transferência de mais valia dos países capitalistas dependentes para os países centrais. A evidência nesse processo culmina na superexploração da força de trabalho como a base da transferência de valor pelo aumento da intensidade de trabalho, prolongamento da jornada de trabalho e pagamento da força de trabalho abaixo de seu valor (MATHIAS, 2018; AMARAL e CARCANHOLO, 2009). Este aspecto intensifica-se quando incluímos as particularidades dos aspectos de classe, gênero e raça na totalidade do mundo do trabalho.

[...] as classes sociais são, desde sua gênese, um fenômeno gerado. Por sua vez, uma série de transformações no gênero são introduzidas pela emergência da classe. Para amarrar melhor essa questão, precisa-se juntar o racismo. O nó formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta desta fusão (SAFFIOTI, 2015, p. 122).

Quando tratamos da produção e reprodução social do trabalho como uma unidade dialética, na perspectiva da produção de valor, o sexismo e o racismo no capitalismo dependente é evidenciado historicamente, sobre o trabalho doméstico e de cuidados. Um olhar sobre os dados do IBGE (2019)⁸ mostra como as mulheres no Brasil apresentam uma sobrecarga de trabalho de dez (10) horas a mais dedicadas a este trabalho na relação com os homens. Além disso, as principais trabalhadoras domésticas historicamente foram e são as mulheres negras. Junto a isso, o assédio moral e sexual crescente têm fortes desdobramentos sobre as condições de saúde, física e mental, da classe trabalhadora feminina racializada.

⁷ Teoria fundada por Lênin que discorre sobre o processo de dominação pelo poder de países que se tornaram capitalistas por meio da dominação dos povos do sul por meio de processos de colonização e povoamento forçado.

⁸ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-a-o-cuidado-de-pessoas>. Acesso em 11 de agosto de 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Deste emaranhado de acontecimentos se desdobram fenômenos altamente complexos e integrados. Ao que tudo indica, este pode ser um terreno fértil para rompermos com noções genéricas e eurocêntricas sobre a formação e a composição da classe trabalhadora no Brasil e, também, para potencializar o resgate de processos de luta e resistência invisibilizados pela historiografia tradicional (MOURA, 2020).

Compreender os modos de produção e reprodução das relações sociais como uma unidade, possibilita mapear os efeitos em cadeia que cada alteração no processo do capital pode gerar.

De acordo com a SEADE (2021)⁹, Fundação do Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos da Secretaria de Planejamento e Gestão do Governo do Estado de São Paulo, em sua pesquisa “Cuidados no Domicílio” realizada em 2021, 42% das famílias do Estado de São Paulo tinha algum membro que necessitava de cuidados, entre esses 37% das famílias paulistas possuíam algum parente enfermo dentro de casa (idosos, pessoas com deficiência e com doenças crônicas). Seus cuidadores eram majoritariamente mulheres (84%) e parentes residentes no domicílio (88%) que necessitavam de cuidados. Esses dados demonstram um padrão global da disparidade de gênero em diversas áreas da reprodução social, onde o neoliberalismo impôs essa lista de atividades a mulheres do mundo.

A leitura dos processos de espoliação neoliberal a partir da Teoria da Reprodução Social (TRS) abrange a reprodução da força de trabalho e os cuidados com a regeneração das trabalhadoras, a regeneração de suas famílias e a produção de novas trabalhadoras. Vogel (2022 [2013]) salienta que se trata da socialização dos trabalhadores, diferencialmente da reprodução geracional da força de trabalho.

A reprodução social diz respeito à reprodução diária da força de trabalho. Também quer dizer que o sentido de reprodução social não está ligado apenas ao momento de reprodução das condições de vida, mas também sobre produzir novos trabalhadores. A reprodução social como categoria, desse modo, tem sido usada pelo feminismo marxista para tratar da opressão de gênero no capitalismo. Portanto, a reprodução social também tem a ver com socialização, em outras palavras, a reprodução de comportamentos, predisposições, habilidades, qualificações. Em

⁹Disponível

em:
<https://cuidadosnodomicilio.seade.gov.br/#:~:text=A%20pesquisa%20Cuidados%20no%20Domic%C3%ADlio.cr%C3%B4nicas%20que%20necessitavam%20de%20cuidados.> Acesso em: 12 de agosto de 2024.

certo sentido, é a reprodução da subjetividade e mesmo a internalização das formas de disciplina (Arruza, 2014).

Bhattacharya (2023) traz a preocupação de demonstrar como a reprodução social das famílias da classe trabalhadora branca é diferente da reprodução social das famílias negras. Os processos diferenciados de reprodução da força de trabalho produzem diferentes tipos de objetivação. A autora enfatiza a diferenciação do desdobramento da reprodução da força de trabalho quando classe social, racismo e sexismo impõem uma construção de formas distintas da produção da força de trabalho propriamente dita.

Apesar da contradição, esta unidade dialética revela a forma como nos organizamos na sociedade em relação aos nossos meios de existência, já que todo processo social de produção (ato de produzir consciente como aquele onde os homens estabelecem uma relação com a natureza pelo e através do trabalho) é, ao mesmo tempo, um processo de reprodução (atos relativos aqueles à vida material e biológica dos homens), no movimento real que se dá na totalidade das relações sociais.

Na ontologia marxiana as categorias não são formulações sobre algo, mas modos de existir (Lukács, 1978). Sendo assim, a análise marxiana não se reduz às noções econômicas, mas a partir da materialidade da vida real a relaciona com um todo, isto é, aos fenômenos históricos, sociais e políticos.

Para Marx (2011), nos Grundrisse, é desse processo que presenciamos relações *estranhadas*, onde as próprias relações sociais são mercantilizadas e mediadas pelo valor, em praticamente todas as esferas da vida. Ainda assim, ao que corresponde o nosso trato aqui, essa discussão abre um campo necessário de análise, a partir da perspectiva da totalidade. Aquilo que nos permite afirmar que a exploração e opressão, tão presentes nesse cenário, estão a todo momento sendo produzidas de forma simultânea.

O fundamento é que o sexismo e o racismo não podem ser entendido como uma estrutura autônoma separada das relações econômicas e políticas do capitalismo. Pelo contrário, o sexismo, o racismo e o capitalismo são entrelaçados e co-constitutivos, com o último frequentemente reforçando e perpetuando as hierarquias de gênero e a racialização das relações sociais.

Por isso, a luta anticapitalista não deve estar desarticulada da luta pela superação do sexismo e do racismo, tendo em vista que este segundo elemento também é uma das estruturas que legitimam a exploração e dominação presentes em nossa sociedade. Essa perspectiva evidencia como o capitalismo se apropria das relações de gênero e raça/etnia para perpetuar sua ideologia de funcionamento.

Arruza (2014) discute como as teorias feministas que isolam o sexismo como uma estrutura independente podem obscurecer as maneiras pelas quais o capitalismo explora e oprime as mulheres. Nesse rastro, preconiza uma abordagem crítica que reconhece a necessidade de analisar esses sistemas em conjunto para desenvolver estratégias eficazes de resistência e transformação social.

Da mesma forma, o trabalho doméstico está intimamente ligado à reprodução social e à manutenção da força de trabalho, essencial para a economia capitalista. No entanto, a ausência de reconhecimento e remuneração justa para este trabalho perpetua a dependência econômica das mulheres e reforça as desigualdades de gênero e racial.

De natureza igual, que o capitalismo atua e molda cada pedaço da nossa realidade, a luta por uma vida cotidiana melhor se faz necessária em cada frente onde esse modelo tenha tocado. Assim como, as opressões e dominação atuam, de forma indissociável, as lutas devem ser complementares. A luta por salários melhores e redução na jornada de trabalho, a luta por água, habitação e educação, que são capazes de alterar o modo de vida da classe trabalhadora, devem ser construções coletivas e combinadas entre as esferas.

Ao fazer isso, construímos as mediações para capturarmos como estas características, universalizadas pelo modo de produção capitalista, se particularizam em nosso país. Refere-se, portanto, a importância de entendermos o racismo e o sexismo como determinações incontornáveis para a reflexão sobre a classe trabalhadora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A centralidade do trabalho na sociabilidade capitalista incide no processo da produção e desenvolvimento capitalista. A perspectiva do materialismo histórico dialético exige a articulação das múltiplas determinações contraditórias da relação entre capital e trabalho, para as quais o **racismo e o sexismo** constituem-se fundamento da organização e dinamismo das classes sociais em disputa.

Para a Teoria da Reprodução Social (TRS), ancorada na teoria marxiana, fica evidente a compreensão de que a produção de valor e o espaço de reprodução da força de trabalho se compõe como uma unidade dialética, apreendendo o racismo e sexismo como engrenagens da superexploração da força de trabalho (Fagundes e Ferreira, 2021).

Nessa virada de chave analítica que as teorias feministas, principalmente as de cunho marxista, passam a teorizar sobre o trabalho doméstico, para além de um espaço de pura opressão e exploração. Mas, com um adicional, o de fazer parte dos processos que moldaram o modo de produção capitalista, e acima de tudo, o sustentavam.

Uma vez estabelecido que os trabalhadores existem para além do seu local de trabalho, principalmente no que tange às mulheres, o desafio era compreender as formulações que ligam os fatores da existência, das vidas produtivas e reprodutivas, sob a ótica capitalista.

Conforme argumentamos, a TRS, sob as análises marxianas, entende sob esta compreensão que sexismo, o racismo e o capitalismo estão intrinsecamente relacionados, desafiando a visão de que esses sistemas são independentes e sugerindo que sua análise conjunta é fundamental para compreender a opressão das mulheres na sociedade contemporânea.

Em outras palavras, esta reflexão acompanha um esforço coletivo de pensar as particularidades na maneira como o capitalismo *sui generis* (MARINI, 2005) se constitui no Brasil assentado na teoria do valor. Este esforço ao compreender a relação intrínseca do racismo e do sexismo, delinea as dimensões estruturais e estruturantes dos conflitos que perpassam as relações sociais de produção e não apenas como suas expressões.

Este aspecto inexorável para a análise da totalidade capitalista recupera a centralidade do trabalho, na superação da descrição de fenômenos que expressam a questão social e constroem as mediações necessárias para explicá-los. Em outros termos, superar que o racismo e o sexismo como uma questão específica e identitária.

Dito de outra forma, a fim de chegar a esse entendimento, recuperar as categorias para entender a teoria do valor trabalho são essenciais. No cenário de um conservadorismo acirrado pela crise do capital, marcada a partir de 2008, a reprodução da divisão internacional sociossexual e étnico-racial do trabalho configura uma estratégia permanente do capital de ocultamento da expropriação do trabalho.

Nesta esteira, a reprodução ampliada do capital cumpre a extração de mais valor pelo rebaixamento dos salários e no fundo de consumo da vida social como uma regra, uma lei



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

tendencial (MARINI, 2005). Estratégia essa auxiliada numa acumulação primitiva de capital dos países imperialistas¹⁰ que expropriam a força de trabalho a fim de abastecer a burguesia nacional e internacional e que se dava antes pela escravidão e hoje é reproduzida pelos processos de preconceito e discriminação.

Bhattacharya (2022), pensa sobre esses aspectos ao tratar a reprodução social e a classe trabalhadora de forma global. Ao enquadrar a reprodução social, fazendo as devidas refutações sobre o aspecto economicista do marxismo, a autora entende o trabalho como fonte de valor, mas fundamentalmente, como fonte para a própria vida social da humanidade.

Isso significa que as análises que tange esse aspecto precisam estar preocupadas com o componente vivo das discussões econômicas, das relações de poder, das formas de opressões, aquelas que, por vezes, aparecem de forma sensível e até mesmo genéricas.

Para a própria dinâmica da luta de classes, o processo de dominação/expropriação são fundamentais. Primeiro por afastar uma visão de que a luta nas esferas de trabalho se reduzem a salários justos. Tanto no Brasil, como nos diversos países espalhados pelo globo, existe um entendimento que, as lutas trabalhistas principalmente aquelas ligadas ao feminismo marxista se ancoram em pautas amplas de mobilização e luta pelos direitos sociais mais diversos, e uma abrangente discussão de superação desse modo de produção e sociabilidade burguesa¹¹.

Nesse aspecto, a fim de chegar a esse entendimento, recuperar as categorias para entender a teoria do valor são essenciais. É nesse jugo teórico que alguns aspectos aparecem, primeiro no ocultamento da força de trabalho como verdadeiro elemento de criação de valor. Dessa forma, encobre todo processo entorno da exploração e dominação. Portanto, é na composição da alienação, sendo o trabalhador apêndice de uma máquina, sem consciência do processo de produção, que a síntese da exploração capitalista se coloca e configura o capitalismo na sua força de dominação.

O horizonte na luta de classes é reconhecer a união das lutas da classe trabalhadora para aproximar da ruptura desse modo de produção do capitalismo dependente que explora, expropria, oprime e aliena a todos. Nesta defesa, para um enfrentamento da crise capitalista, que rebete sobre as pessoas racializadas e as mulheres, é necessária uma análise que junte, ponderando particularidades e potencialidades, estes debates que estruturam o capitalismo no cenário

¹⁰ Teoria fundada por Lênin que discorre sobre o processo de dominação pelo poder de países que se tornaram capitalistas por meio da dominação dos povos do sul por meio de processos de colonização e povoamento forçado.

¹¹ Disponível em:

<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/lutas-contra-o-capitalismo-e-contra-o-patriarcado-sao-indissociaveis>. Acesso em: 19 jun de 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

brasileiro. Não é possível falar em movimento antirracistas e anticapitalistas desarticuladas num conjunto das lutas sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marisa Silva; CARCANHOLO, Marcelo. A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 12 n. 2 p. 216-225 jul./dez.2009, p. 216-225.

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero, reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 923-933, set./dez. 2014.

BAMBIRRA, Vânia. **Capitalismo dependente latino-americano**. Coleção Pátria Grande – Biblioteca do Pensamento Crítico Latino-Americano. Tradução Fernando Correa Prado e Marina Machado Gouvêa. 2ª edição. Florianópolis: Insular/IELA, 2013.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?**. Socialist Worker.

Tradução Renata Vereza, 2013.

BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social: remapear a classe, centralizar a opressão**. Tradução Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023.

COLETIVO DE FORMAÇÃO DO PSOL CARIOCA. **CONVERSAS DE FORMAÇÃO: Tithi Bhattacharya - 1. Teoria da Reprodução Social**. Vídeo. 30 de março de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/XTLAcUg?si=fIV3DFqxa1jYHEcN>>. Acesso em: 17 de julho de 2024.

COLETIVO DE FORMAÇÃO DO PSOL CARIOCA. **CONVERSAS DE FORMAÇÃO: Sessão 2 - Neoliberalismo e mulheres | Tithi Bhattacharya**. Vídeo. 30 de março de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/jRVFyrYw864?si=BTAXw36L9txlApXa>>. Acesso em: 17 de julho de 2024.

COFEN. **É necessário olhar para quem mais precisa**. Publicado em 26 de agosto de 2021.

Disponível

em:

<https://www.cofen.gov.br/e-necessario-olhar-para-quem-mais-precisa/#:~:text=A%20Enfermagem%20possui%202.540.715.correspondem%20a%2085%25%20da%20categoria>. Acesso em: 19 jul. 2024.

EURICO, M. Da escravidão ao trabalho livre: contribuições para o trabalho do assistente social. **Ser Social**, Brasília, v. 19, n. 41, p. 414-427, jul./dez. 2017.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. São Paulo: Editorial Global, 2009.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

FERREIRA, C. C. C., & FAGUNDES, G. G. Dialética da questão social a a unidade classe. Gênero e Raça. **Temporalis**, 21(42), 62–76, 2021. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p62-76>

MACHADO, Bárbara Araújo. Repensando o capitalismo brasileiro como totalidade contraditória. IN: Organizado por Bárbara Araújo Machado e Flávia Fernandes de Souza **Gênero, Raça e Reprodução social: Teoria e história para uma perspectiva ampliada da classe trabalhadora** / - São Paulo : Usina, 2023, p. 47- 83.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 137-181.

MANDEL, E. **A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista**. São Paulo: Ed. Ensaio, 1990.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro, 2011.

MOURA, Clóvis Moura. **Dialética radical do Brasil negro**. 3. ed., São Paulo: Fundação Maurício Grabois-Anita Garibaldi, 2020.

INEP. **Professoras são 79% da docência de educação básica no Brasil**. Notícia. Publicado em 07 de março de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil>. Acesso em: 18 jul. 2024.

LUCE, Mathias. **Teoria Marxista da Dependência - problemas e categorias, uma visão histórica**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas, São Paulo, n. 4, p. 1-18, 1978.

Pluto Press. **Tithi Bhattacharya | What is Social Reproduction Theory?**. Vídeo. 22 de novembro de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/Uur-pMk7XjY?si=e56s3wZG31HvCQR_>. Acesso em: 17 de julho de 2024.

SEADE. **O trabalho de cuidados na família é majoritariamente feminino e parental**. Publicado em março de 2023. Disponível em: <https://cuidadosnodomicilio.seade.gov.br/o-trabalho-de-cuidados-na-familia-e-majoritariamente-feminino-e-parental/>. Acesso em: 19 jul. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SOUSA, A. A. S. de; OLIVEIRA, A. C. O. de.; SILVA, L. B. Da; SOARES, M. (Orgs.). **Trabalho e os limites do capitalismo: novas facetas do neoliberalismo**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

VOGEL, L. **Marxismo e a opressão das mulheres: rumo a uma teoria unitária**. São Paulo: Expressão Popular, 2022. [1983].